VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

O VERANEIO DE ANTIGAMENTE: IPANEMA, TRISTEZA E OS CONTORNOS DE UM TEMPO PASSADO NA ZONA SUL DE PORTO ALEGRE

Janete da Rocha Machado*

Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade, assim, é caracterizada, atualmente, a Zona Sul de Porto Alegre. Delimitada geograficamente por morros e pelo Lago Guaíba, o que a diferencia das demais regiões da cidade, a Zona Sul engloba os seguintes bairros: Vila Assunção, Tristeza, Camaquã, Nonoai, Teresópolis, Vila Nova, Cavalhada, Sétimo Céu, Jardim Isabel, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serraria e Hípica. Com uma orla que encanta o visitante e o morador, os bairros Ipanema e Tristeza, banhados pelo Lago Guaíba, analisados nesta pesquisa, ainda apresentam, nos fins de tarde, o mais bonito pôr-do-sol da cidade.

Contudo, pouco se conhece sobre a história da região que, no passado, foi zona de veraneio daqueles que não podiam se deslocar até o litoral do Estado. Durante muito tempo, foi o local escolhido para o descanso e o lazer, pois eram os balneários da Tristeza e Ipanema, os preferidos pela população. E isso ocasionou um desenvolvimento econômico motivado pela vinda de pessoas, muitas delas oriundas de imigrantes alemães.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUC/RS. E-mail: janeterm@gmail.com

Pensando em passar boas temporadas em um lugar aprazível, os germânicos melhoram a infraestrutura desses bairros margeados pelo Guaíba.

Eram grupos que buscavam recreio à beira do lago, e, para isso, mantinham chácaras e confortáveis residências para uso familiar. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a Zona Sul, alterando assim a rotina. Muitas famílias permaneciam até março, quando inicia o período escolar; outras ficavam até o feriado da páscoa – esticando assim a temporada de veraneio. Temporada que inicia logo após o feriado de Natal.

A existência de um trem municipal facilitava a chegada dos turistas. Pertencente à Estrada de Ferro do Riacho, porque seu final de linha se situava, inicialmente, à beira do Arroio Dilúvio, o "Trenzinho" como era conhecido em Porto Alegre, percorria cerca de quatorze quilômetros. O percurso ia desde o centro de Porto Alegre até os balneários da Zona Sul. Alguns historiadores, entre eles Sergio da Costa Franco, são unânimes em afirmar que foi devido ao trem que alguns bairros da Zona Sul progrediram.

Em torno dos anos 1920, ocorreu a construção de um trapiche na beira da praia. Patrocinado pela Intendência Municipal, o trapiche facilitava a chegada dos veranistas que vinham de vapor do Centro de Porto Alegre. Ficaram conhecidos, o Guaporé, o Bubi e o Santa Cruz, embarcações que transportavam, pelo Guaíba, famílias até a Pedra Redonda, balneário pertencente à Tristeza. O movimento atraía não só aos porto-alegrenses, como também estrangeiros, entre eles, argentinos e uruguaios que vinham à procura de diversão no balneário. Turistas de outras partes do Brasil também chegavam para as temporadas de verão, entre eles cariocas e paulistas.

As denominadas vilas balneárias, entre elas, Assunção, Conceição e Pedra Redonda — que integravam o bairro Tristeza —, foram as primeiras a atrair o porto-alegrense na primeira metade do século passado. Além disso, por ser o acesso à praia mais restrito, pois as residências possuíam praia particular, o local abrigava clubes náuticos aonde as pessoas também chegavam por barcos. As finas moradias da Pedra Redonda possuíam também ancoradouros próprios, guarda-barcos e equipamentos para a prática de esportes no rio. Os germânicos gostavam muito dos esportes náuticos, prática que trouxeram da Europa.

Tempos mais tarde, e como consequência do crescimento da Tristeza e arredores, seria a vez de Ipanema, a praia vizinha, despontar no cenário do verão. A atração maior

ficava por conta das límpidas águas do Guaíba e da grande enseada aberta ao público que favorecia a chegada dos banhistas. Os grupos frequentadores de Ipanema costumavam aproveitar os domingos de calor e sol à beira do lago, fazendo piqueniques, praticando esportes e atirando-se nas águas para mergulhos.

Com o advento das primeiras estradas asfaltadas, e a possibilidade de deslocamento por automóvel, surgem os loteamentos, crescendo a procura por terrenos à beira do lago. O acesso direto por ônibus e a existência de praia pública, diferente das praias da Tristeza, permitiu que Ipanema fosse procurada por uma classe mais popular. Porém, a compra dos lotes na nova praia foi feita por grupos da classe média, entre eles, profissionais liberais e funcionários públicos, os quais compraram seus terrenos e construíram confortáveis chalés. Idealizado pelo engenheiro Oswaldo Coufal e com um projeto urbanístico moderno, surgiu nos anos 1930, uma praia no estilo de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto previa ruas largas, calçadas e arborizadas, amplas avenidas e a promessa de se transformar na mais agradável estação de veraneio da população.

O LAZER NA ZONA SUL DE PORTO ALEGRE

Na primeira metade do século vinte, surge em Porto Alegre, a necessidade de lazer que Dumazedier[1] vai chamar de "a dinâmica produtiva do lazer", ou seja, o progresso científico e técnico leva ao aumento do tempo livre, bem como as mudanças socioculturais conduzem a uma regressão dos controles institucionais e à emergência de um novo desafio social do indivíduo de dispor de si próprio. Dumazedier define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar ou para divertir-se:

> O lazer é primordialmente liberação do trabalho profissional que a empresa impõe. Para a criança, é liberação do trabalho imposto pela escola. O lazer é liberação das obrigações fundamentais primárias impostas pelos demais organismos básicos da sociedade: instituição familiar, instituição sócio-políticas, sócio espirituais[2].

Para entender como procede a questão do lazer nas sociedades ocidentais, torna-se necessário compreender as formas pelas quais os homens viveram seus múltiplos

[1] DUMAZEDIER, Joffer. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 25.

[2] Ibidem, p. 94.

tempos, em especial o tempo do trabalho e o do não-trabalho. O tempo do não-trabalho seria o tempo livre, no qual o tempo do lazer estaria inserido. Assim, Dumazedier vai entender o lazer como um fenômeno que surge num período específico da história da humanidade. A partir, então, da Segunda Revolução Industrial, com a automação dos processos produtivos, ocorre uma diminuição da carga horária de trabalho, ocasionando um tempo livre maior para os grupos desfrutarem do lazer e do descanso.

Essa liberação maior do trabalho, conforme Dumazedier está relacionada aos progressos técnicos ocorridos ao longo dos anos, pois "todos associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade" [3]. Conforme o autor, o lazer não é ociosidade, pois ele não suprime o trabalho. Os momentos de descanso usufruídos pelo homem correspondem a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana ou do ano com as férias.

Na análise de Dumazedier, o direito do lazer foi, historicamente, reivindicado pelos grupos ao longo dos tempos: "o direito à preguiça é o grito de um homem erguido contra a redução do trabalhador ao papel de produtor" [4].

Desta forma, entende-se que o lazer empreendido pelos porto-alegrenses nas primeiras décadas do século vinte vai estar associado a permanências em lugares aprazíveis como os balneários. E era isso que buscavam as famílias quando se dirigiam à Zona Sul da cidade: recreio e descanso à beira do lago.

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes da burguesia ascendente. Conforme Nicolau Sevcenko, os grupos buscam, a partir do início do século vinte, uma estação de cura e recreio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer. "A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta"[5].

---

[3] DUMAZEDIER, Joffer. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 21

[4] Idem.

[5] SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil. República:** da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3. P. 563.

Em Porto Alegre, a ascensão social de algumas famílias, aliada às novas práticas de lazer, permitiu, ao longo da primeira metade do século vinte, não só o uso de férias em lugares aprazíveis como a Zona Sul, como também o sonho de uma confortável casa de veraneio – um espaço de sociabilidades. Os grupos buscavam também recreação proporcionada pelo Guaíba e pela região, como andar a cavalo, caçar, pescar, velejar e tomar banhos no lago. Conforme relembra descendente da família Bromberg:

> O meu avô Waldemar Bromberg que nasceu na Alemanha veio para cá como comerciante, ele fez parte do grande comércio da firma Bromberg S. A. E o vínculo dele com a Zona Sul é que ele comprou um pedaço de terra, fundos para praia, e montou a sua casa, e passou a veranear. Durante os fins de semana e no verão passava aqui na casa da praia[6].

Com uma infraestrutura completa planejada para o lazer, a chácara da família Bromberg oferecia um espaço de conforto à beira do lago. A ampla moradia priorizava espaço e conforto. A bonita cobertura do telhado protegia do forte calor nos meses mais tórridos, proporcionando, assim, bem-estar aos frequentadores da propriedade. O avarandado, típico de casas de veraneio, servia para melhor acomodar a família e os convidados. Sendo o atrativo maior as águas limpas do Guaíba, a escada de poucos degraus levava até a praia. A chácara também tinha jardins bem ornamentados, árvores centenárias e um piso de grama bem ao estilo alemão.

Os encontros de famílias também serviam para compor as relações sociais e de negócios na região. Conforme relembra em carta, descendente dos Dreher: "Como meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado, nossa chácara vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro o Dr. Getúlio Vargas e Da. Darcy, entre outros" [7]. Alguns balneários funcionaram assim como espaços de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade da época. Este é o caso de Helga Bins Luce, sobrinha de Alberto Bins, Intendente de Porto Alegre na gestão de 1928 a 1937, e que também usufruía dos prazeres do veraneio na Zona Sul:

> A minha avó era casada com o Luis Englert e se chamava Malvina. Ela tinha uma irmã que se chamava Zulmira que se casou com um Bier. Eles fizeram uma casa aqui na Pedra Redonda para veraneio. O Hugo Gerdau casou com uma irmã do meu pai, a Otília. Eles tiveram duas filhas, uma delas era a Helda Gerdau que se casou com um Johannpeter.

[6] BROMBERG, Lilian Dorothy. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 20 mar. 2013.

[7] **Nossa Chácara** - Carta deixada por Martha Elisabeth Dreher/1970.

> Eles tiveram quatro filhos, um deles é o Jorge Gerdau Johannpeter. São todos parentes meus porque a Helda era prima irmã minha[8].

Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local. Junto com o trem, uma série de outros serviços se fez necessária devido ao movimento intensificado na região.

As melhorias incluíam a instalação de armazéns, bares, hotéis, pensões, padarias, açougues, comércios, cinemas e clubes. A maior parte desses serviços foi empreendida por grupos de alemães que se fixaram na Tristeza, e, posteriormente, no Ipanema a partir do final do século dezenove.

O grande afluxo de veranistas desenvolveu também a vida social e cultural dos bairros, pois com eles, vieram também novas formas de recreação como bailes, saraus, piqueniques, serenatas, festas populares, entre outros. "Os veranistas da Tristeza foram os responsáveis pela abertura das atividades recreativas, introduzindo festas de caráter mundano e popular, particularmente os clubes sociais como o Filosofia, o Jocotó e o Esmeralda" [9].

Com o movimento intensificado nos meses de verão e marcado por uma vida social intensa, oportunizada pelos clubes e associações, fez-se necessária a ampliação e melhorias na forma de bem receber o turista. É fato que nem todos possuíam residências de verão, por isso muitos alemães cediam suas casas para esses grupos que vinham apenas nos períodos de férias e nos finais de semana. Surge neste período, portanto, a necessidade dos serviços de hotéis e pensões. Segundo Hilda Agnes Hubner Flores:

> Quando o afluxo turístico trouxe, além dos veranistas de fins de semana, aqueles que moravam no arraial durante os meses de estio, a infraestrutura hoteleira mostrou-se pequena. Havia os turistas que preferiam alugar casa. Muitos imigrantes cederam então suas próprias moradias, indo morar em peças existentes nos fundos ou no porão[10].

Assim, a construção de restaurantes e hotéis na Zona Sul, no apogeu do veraneio, se insere nesse universo de investimentos de alguns empreendedores que souberam aproveitar o momento propício ao turismo. O estabelecimento da Família Pabst – um

---

8 LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 03 mar. 2013.

9 FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Tristeza e Padre Reus.** Porto Alegre: ELAPE, 1979, p. 64.

10 Idem, p. 44.

restaurante familiar, foi pioneiro no Balneário da Pedra Redonda. O restaurante situava-se onde funciona atualmente a Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, à beira do Guaíba. Em tempos de férias, calor e veraneio, era para lá que muitos turistas se dirigiam, a fim de aproveitar as atrações do lugar, as quais incluíam principalmente os banhos de rio.

Com o passar do tempo e o sucesso do balneário, o estabelecimento tornou-se uma referência na região. Localizado no final da linha do trem e defronte ao trapiche, local onde atracavam os vapores que traziam os turistas. Esse restaurante atendia a um público seleto que vinha em busca de ótimas refeições e recreio na Zona Sul da cidade. Para Maria Helena Luce, era "um local bucólico e muito atraente, com música ao vivo e refeições de dar água na boca" [11].

A venda de terrenos à beira do lago, a construção de lindas vivendas, o embelezamento dos balneários, a administração de hotéis e restaurantes, se deu por grupos de empreendedores sagazes que souberam ampliar suas fortunas durante os anos vindouros do veraneio. Bier, Daudt, Bercht, Mentz, Dreher, Bromberg, Bins, Ely, Niemeyer, entre outros, são lembrados, na Zona Sul, pelas suas magníficas chácaras de verão à beira do Guaíba.

Os sobrenomes acima não deixam dúvidas quanto às origens alemãs na região, e isso reforça, especialmente, a ideia da presença teuta nas praias da Zona Sul de Porto Alegre. Conforme relembra Helga Landgraf Piccolo, a primeira doutora em História do Rio Grande do Sul:

> Quando eu vim para cá em 1945, de cem famílias aqui na Conceição, noventa eram alemãs. As residências eram de veraneio e de moradia. Não havia ruas à beira do rio. Lá embaixo, perto do rio, tem a famosa prainha da Conceição. Nós tomávamos banho nessa prainha. Principalmente porque aqui na nossa região tinha muitos momentos de falta de água e nós descíamos a rua e íamos de toalha e sabonete, todos juntos tomar banho na praia. A água do Guaíba era limpa. [12]

[11] SCHMITZ, Maria Helena Luce. Pedra Redonda – uma placa que virou chácara e voltou a ser placa. **A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre.** Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 162.

[12] Helga Landgraf Piccolo nasceu em Porto Alegre em 1932. Formou-se em História e Geografia pela UFRGS (1952). Concluiu o doutorado em História Social pela USP em 1972. Possui uma produção bibliográfica de mais de 130 obras. É pesquisadora emérita do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ). **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 14 fev. 2013.

No depoimento que segue, Helga Bins Luce, proprietária de um condomínio famíliar à beira do Guaíba e também integrante de grupos alemães, recorda com alegria alguns momentos prazerosos de sua adolescência, quando desfrutava de banhos no Guaíba sob os olhares atentos de sua avó. Assim, fica evidente que o local servia não só para o lazer e o descanso, mas também para reunir toda a família em um período do ano.

> Aqui se podia tomar banho de rio. Todo mundo usava o rio para banhos. Eu usava os maiôs da Ação Católica com saiote e tudo e a minha avó que veraneou conosco, a Malvina Englert, ficava na praia com a bengala e chamava a gente quando nós íamos muito longe. Minha avó não entrava na água[13].

As águas do Lago Guaíba serviam, desta forma, para banhos e para o descanso da população em temporadas de calor e férias, ocasionando um crescimento urbano dessa parte da cidade. Assim, é fato que o processo de formação e desenvolvimento de alguns bairros da Zona Sul da cidade esteve diretamente relacionado à procura dos balneários pelos porto-alegrenses nas primeiras décadas do século vinte.

Esse deslocamento até as praias do Guaíba foi consequência, na época, não somente e do crescimento da população e da procura por lazer, como também pela dificuldade que era viajar até o litoral gaúcho. As longas distâncias e a precariedade das estradas dificultavam o veraneio nas "praias de mar". Para se chegar a Torres ou Tramandaí era preciso, pelo menos, um dia de viagem, atravessando lagoas, matos e enfrentando dificuldades diversas. E esses fatos se comprovam com os estudos de Schossler, a qual afirma: "somente em meados da década de 1930, com os investimentos públicos na urbanização e infraestrutura dos balneários que o acesso às praias de mar tornou-se mais acessível" [14].

Outro fato que colaborou para a procura dos balneários da Zona Sul da cidade foi a necessidade de os grupos estarem próximos ao Centro de Porto Alegre. Alguns chefes de família aproveitavam apenas os finais de semana nos balneários, viajando no "trenzinho" toda a segunda-feira. Rumavam para o centro da cidade devido às exigências de seus empreendimentos, conforme recorda Helga Bins Luce:

---

[13] LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 03 mar. 2013.

[14] SCHOSSLER, Joana. **As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 7.

> Acontece que muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, na Tristeza, na Pedra Redonda e em Ipanema. Muitas famílias faziam isso: a mulher e os filhos ficavam toda a semana e o marido trabalhava na cidade e vinha para cá nos finais de semana, num trenzinho que tinha aqui[15].

Assim, os verões na Zona Sul de Porto Alegre causavam expectativa, pois eram ansiosamente aguardados por aqueles que faziam da estação do estio um tempo para recreio, encontros de amigos e reuniões de negócios. Muitas famílias escolhiam os finais de semana dos meses mais quentes para os reencontros, dando continuidade às sociabilidades entre grupos burgueses naquelas primeiras décadas do século passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira metade do século XX, as novas formas de usufruir o tempo livre, associadas ao conforto proporcionado pelos investimentos, tornaram alguns balneários da Zona Sul de Porto Alegre, lugares de veraneio, de descanso e de entretenimento. É importante salientar que o lago Guaíba foi o grande impulsionador do desenvolvimento da região. Por meio dele, a população descobriu o veraneio em águas doces e próximas ao centro da cidade.

Desta forma, criou-se uma prática agradável nos meses mais quentes do ano para aqueles que não podiam viajar longas distâncias até o litoral. As "praias de mar" eram de difícil acesso neste período. A importância do Guaíba remonta aos primórdios da ocupação de Porto Alegre, pois significou a permanência em suas margens, a solução para garantir a sobrevivência através da pesca e a construção de barcos, oportunizando o alargamento do universo conhecido pelo acesso a outras vias fluviais.

Foi com o lago que começou o povoamento e dali partiu a planificação urbana e a demarcação da cidade. Por isso, o Guaíba e sua cidade marcam, fortemente, a sensibilidade e a memória dos porto-alegrenses, vivendo juntos desde os tempos mais remotos, quando os primeiros habitantes, os índios, aqui chegaram. O Guaíba, portanto, está presente na história da cidade e de seu povo, pois por ele chegaram os primeiros colonizadores sesmeiros, açorianos, viajantes, forasteiros e imigrantes. Navegando em

[15] LUCE, Helga Bins. **Entrevista concedida à autora.** Porto Alegre, 03 mar. 2013.

seus afluentes e lagoas, fez-se a comunicação permanente com o mar, desenvolvendo toda a Província do Rio Grande do Sul.

O veraneio nas margens do lago possibilitou a descoberta da Zona Sul da cidade. Os locais escolhidos pelo Porto-Alegrense para atenuar o forte calor do verão foram, primeiramente, os balneários da Tristeza, entre eles, a Assunção, a Conceição e a Pedra Redonda, deslocamento esse facilitado por uma linha de trem municipal. Posteriormente, o fluxo maior de banhistas se deu na praia vizinha, o Ipanema.

Assim, é possível afirmar que a história do veraneio na Zona Sul de Porto Alegre teve início ainda no século dezoito, quando a região não passava de uma imensa zona rural da cidade. Originária da primeira sesmaria, o local se constituiu em vastas extensões de terras, em cujas fazendas, se cultivavam arroz, milho e frutas. Até então, Porto Alegre configurava-se em poucos vilarejos e algumas chácaras, de onde provinha o essencial para a subsistência das famílias. Tempos mais tarde, em torno do século dezenove, começam a se estruturar as grandes fazendas, definidoras do tipo de ocupação na região e da primeira atividade econômica – a agropecuária.

Seguindo uma linha do tempo, da antiga sesmaria e das fazendas dos grandes estancieiros, a região cedeu espaço para lindas chácaras e luxuosas vivendas de veraneio, principalmente na orla do lago Guaíba. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo e ao veraneio, com a construção de hotéis, restaurantes, clubes e a melhoria nos meios de transporte, como o trem e o automóvel.

Aliado a esse novo cenário moderno, o espaço começou a ser recortado por uma arquitetura de influência europeia que contemplava residências de luxo – as imponentes vivendas com praia particular. Eram novos moradores, os quais se configuravam em uma elite residente, muitas delas oriundas de famílias tradicionais e com poder aquisitivo, as quais desenvolveram suas sociabilidades e negócios à beira do lago.

Assim tentou-se desvelar a Zona Sul de antigamente, seus cenários e sociabilidades. Uma possibilidade de informar não só o meio acadêmico, mas também à comunidade, interessada na história da sua cidade. Pensando nisso, a pesquisa frutificou, resultando em um amplo trabalho documental. Com os resultados obtidos, fica a certeza do legado dessa parte da história da cidade às gerações futuras. Um tempo de vida, de cotidiano, de natureza preservada e rio limpo, que não mais existe. Momentos vividos em bairros balneários à beira do lago, transformados, tempos mais

tarde, em locais notadamente residenciais, movimentados e urbanos. Um tempo que vai bem longe, mas que se traduz no imaginário daqueles que, pela oralidade, contribuíram para o resgate desta parte da história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 05 dez. 2008.

BROMBERG, Lilian. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 mar. 2013.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931.

DREHER, Martha Elisabeth. Carta deixada em 1970. [Acervo da Família Dreher].

DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979.

FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

MACHADO, Janete da Rocha. História da Via Férrea na Zona Sul de Porto Alegre. Oficina do Historiador, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, p. 5, jun. 2010.

MASTROBERTI, Maria. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 15 jan. 2010.

PICCOLO, Helga Landgraf. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 14 jan. 2013.

SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3.

SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHMITZ, Maria Helena Luce. Pedra Redonda – uma placa que virou chácara e voltou a ser placa**. A descoberta da cidade. Memórias em Porto Alegre.** Organizador: Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Dublinense, 2013.